

O RELEVO DA IDEOLOGIA NA ANÁLISE DO TOTALITARISMO PROPOSTA POR HANNAH ARENDT

Paola Coelho Gersztein*

INTRODUÇÃO

I. SOBRE HANNAH ARENDT



Quando Hannah Arendt nasceu, em 1906, descendente de antiga família de judeus alemães de Königsberg – terra de Kant e que posteriormente pertenceu à Alemanha Oriental – seus pais viviam em Hannover.¹

Em 1924, aos dezoito anos, Hannah Arendt ingressou na Universidade de Marburgo onde estudou Filosofia sob a orientação de Martin Heidegger. Em seguida, em Freiburg, foi aluna de Edmund Husserl e, posteriormente, já em Heidelberg, sob a orientação de Karl Jaspers.

Foi ao longo de seus estudos com Jaspers que Arendt defendeu sua tese de doutoramento sobre “O Conceito de Amor em Agostinho” (*Der Liebesbegriffe bei Augustin*), em 1929.

João Maurício Leitão Adeodato, um dos principais estudiosos brasileiros do pensamento de Hannah Arendt, afirma que, com Heidegger, ela aprendeu que o pensamento deve ser apaixonado: o observador deve envolver-se e tomar partido ao se dirigir a determinado objeto, de forma similar à

*Mestre em Ciências Jurídico-Políticas pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

¹ Os dados biográficos de Hannah Arendt foram retirados da obra de João Maurício Leitão Adeodato: *O problema da legitimidade: No rastro do pensamento de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, Capítulo IV, p. 79-92

abordagem poética. Com Jaspers, considerado por Arendt como seu verdadeiro mestre e com quem manteve amizade até o fim de sua vida, ela aprendeu o exemplo de uma vida firme e coerente e a convicção de que o filósofo deve comprometer-se com o bem-estar da comunidade e, por extensão, de toda a humanidade.²

O período em que Hannah Arendt passou na universidade coincidiu com os anos de relativa estabilidade da República de Weimar.³

Porém, em 1933, Arendt passou oito dias detida por cooperar com uma pesquisa para os sionistas. No mesmo ano, refugiou-se em Paris e, durante os sete anos em que lá viveu, trabalhou auxiliando a emigração de crianças judias para a Palestina e escreveu artigos sobre questões judaicas.⁴

Em 1940, com o aumento da perseguição nazista, Hannah Arendt foi presa em um campo de internamento em Gurs, de onde conseguiu escapar e chegar a Lisboa. Três meses depois, conseguiu sair da Europa, refugiando-se em New York.

Já em New York, Arendt recomeçou a escrever artigos em publicações, sionistas ou não, e, em 1942, defendeu a formação de um exército judeu para autodefesa; envolveu-se em outras controvérsias acerca da constituição do Estado de Israel e publicou resenhas críticas de livros. Em 1948, foi nomeada diretora executiva de uma comissão para a recuperação da cultura judaica arrasada pela guerra, após dirigir por três anos as edições Schocken nos Estados Unidos.⁵

Entre 1955 e 1967, Hannah Arendt ensinou Filosofia e Ciência Política nas universidades norte-americanas de Berkeley, Princeton, Columbia, Brooklyn College e na universidade escocesa de Aberdeen, todas instituições de renome internacional. De 1967 até sua morte, em 1975,

² ADEODATO, *O problema...*, p.84

³ ADEODATO, *O problema...*, p. 84

⁴ ADEODATO, *O problema...*, p. 84-85

⁵ ADEODATO, *O problema...*, p. 85

lecionou Filosofia Política na *New School for Social Research*, em New York.⁶

Pouco antes de falecer, recebeu, na Dinamarca, o *Sonning Prize*, um prêmio em reconhecimento à sua contribuição à cultura europeia.⁷

Para muitos autores, o estudo do totalitarismo é o ponto central de sua obra.

Seu livro *As Origens do Totalitarismo* ganhou – merecidamente – o *status* de tratado definitivo sobre este regime político.

Hannah Arendt morreu aos sessenta e nove anos de idade, em New York, após uma vida direta e intensamente relacionada às profundas mudanças e crises políticas ocorridas no mundo durante o Século XX.

Adeodato afirma ser difícil classificar Hannah Arendt segundo a habitual dicotomia entre a “direita” e a “esquerda”, pois os elementos geralmente atribuídos às duas tendências podem ser encontrados em sua obra. Da “direita” vêm, por exemplo, a exaltação da liberdade universal de cada homem como ser único; a desconfiança das massas e a ideia de que os “problemas sociais” não compõem o âmbito da política. Da “esquerda” vêm a convicção da importância da classe operária na política contemporânea; o desprezo pelo *Establishment* e a admiração pelos soviets e pela Revolução Húngara de 1956.⁸

Por meio de uma classificação que, como todas as demais classificações, é essencialmente arbitrária, Adeodato relaciona as obras da pensadora alemã a quatro experiências fundamentais de sua biografia: i) sua condição de judia; ii) o nazismo; iii) os Estados Unidos; iv) a filosofia.⁹ Contudo, para o mesmo autor, pode-se unificar o objetivo de Arendt à tentativa de transformar seus conhecimentos em uma lição de caráter

⁶ ADEODATO, *O problema...*, p. 86-87

⁷ ADEODATO, *O problema...*, p. 88

⁸ ADEODATO, *O problema...*, p. 92

⁹ ADEODATO, *O problema...*, p. 88

universal: o drama dos judeus sob Hitler concerne a todos, já que, em outra oportunidade, podem não ser os judeus os “inimigos objetivos” de determinado Estado.¹⁰

II. OBJETO E SEQUÊNCIA

Para se entender determinado autor, ou determinado contexto histórico, é essencial analisar quais são os pressupostos antropológicos subjacentes à construção política.

Em suma: quem é o homem subjacente a cada construção política?

O massacre do totalitarismo foi o aniquilamento da humanidade de suas vítimas, tratado de forma muito clara por Hannah Arendt e, em consequência, menos criticado por aqueles que analisaram sua obra.

Já o ponto de vista do agente, do executor do regime, é mais difícil de ser compreendido, por ser mais intrigante, na verdade chocante, sem precedentes, sem parâmetros de comparação ao longo da História.

Neste trabalho, não se pretende analisar a vítima, o homem que, destituído de direitos, moral e espontaneidade, foi aniquilado pelo nazismo.

Tampouco o cidadão médio, que constituiu quase a totalidade da população alemã do período.

Mas, especificamente, a ideologia que dominou o homem – ou o animal destituído de humanidade – que efetivamente executou o nazismo, agiu para e até os fins últimos do totalitarismo.

Para se entender a perspectiva do agente totalitário, do executor do regime nacional-socialista, faz-se necessário compreender a ideologia que amparou esta monstruosa construção política.

No início de seu livro *“As Origens do Totalitarismo”*,

¹⁰ ADEODATO, *O problema...*, p. 89

Hannah Arendt formula três questões, que, segundo ela, colocaram-se como obrigatórias às pessoas de sua geração: “Que havia acontecido? Por que havia acontecido? Como pôde ter acontecido?”¹¹

O objetivo do presente trabalho é encontrar a resposta dada por Arendt à terceira pergunta mencionada: “Como pôde ter acontecido?”

Como o homem pode ter-se tornado não humano ao ponto de participar e efetivar o regime nazista?

Para tanto, coloca-se a seguinte questão: “Qual é o relevo da ideologia no regime totalitário segundo Hannah Arendt?” Com este objetivo, trataremos primeiramente do fenómeno da formação das massas, em seguida, dos elementos catalizadores do nazismo e da propaganda totalitária, para, finalmente, após essas reflexões, discutirmos o governo totalitário e o papel da ideologia e do terror.

1. A FORMAÇÃO DAS MASSAS

Em seu livro *"As Origens do Totalitarismo"*, Arendt analisa aquelas que considerou as duas formas genuínas de governo totalitário exercidas durante o século XX: a Alemanha nazi e a Rússia estalinista.

Nesta obra, a autora descreve o fenómeno inicial que tornou possível a implantação dos regimes totalitários: a formação das massas.

Para Arendt, a implantação de movimentos totalitários é possível onde quer que existam massas que, por quaisquer motivos, desenvolveram certo gosto pela organização política. Ao contrário do que seria desejável, as massas não se unem pela consciência de um interesse comum e falta-lhes a articulação de classes que se expressa em objectivos

¹¹ ARENDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo*. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 2006. p. XXX

determinados, limitados e atingíveis. Segundo a autora, o termo “massa” só se aplica ao agrupamento de pessoas que, devido ao seu número ou à sua indiferença - ou a ambos - não se incorpora em uma organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e são formadas pela maioria das pessoas neutras e politicamente alienadas, que não se filiam a nenhum partido e raramente exercem o poder de voto.¹²

Arendt demonstra que durante sua ascensão, tanto o movimento totalitário ocorrido na Alemanha, como os movimentos comunistas europeus pós 1930, recrutaram os seus membros dentre essa massa de pessoas aparentemente indiferentes que todos os outros partidos haviam abandonado, face sua aparência demasiadamente apática ou estúpida, indigna de merecer atenção.¹³

Portanto, a maioria dos adeptos a ambos os regimes totalitários era formada por elementos que nunca haviam participado da política. Isto permitiu a introdução de métodos inteiramente novos de propaganda¹⁴ que, associada à indiferença aos argumentos da oposição, permitiu que os movimentos totalitários, até então rejeitados pelo sistema de partidos tradicionais, pudessem moldar um grupo que nunca havia sido atingido por nenhum dos partidos existentes. Assim, sem necessidade e também sem capacidade para refutar argumentos contrários, adotavam métodos que levavam à morte em lugar da persuasão, ao terror ao invés da convicção.

Bastante elucidativas a este respeito são as afirmações feitas por Arendt acerca da sociedade alemã, em seu livro *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*, no qual a autora relata a “auto-ilusão” alemã.¹⁵

¹² ARENDT, *As Origens...*, p. 413

¹³ ARENDT, *As Origens...*, p. 413

¹⁴ A influência da propaganda nos sistemas totalitários será tratado no tópico n.º 5 deste trabalho.

¹⁵ “Eichmann, porém, só precisava de evocar o passado para se para se convencer de

Aos partidos totalitários, as discórdias ideológicas com outros partidos seriam desvantajosas somente se, entre eles, existisse competição real. Mas esta não existia, já que os movimentos totalitários lidavam com pessoas que tinham motivos para hostilizar igualmente todos os partidos, como acentua Arendt¹⁶, ou simplesmente para ignorá-los, face sua indiferença em relação à política.

Assim, frente às massas indiferentes ao fenómeno político e, diante dos elementos catalisadores que a seguir serão analisados, foi possível aos regimes totalitários estabelecerem-se na Alemanha nazi e na Rússia estalinista.

Como assinalado por Arendt, as medidas tomadas por Estaline com a introdução do Primeiro Plano Quinquenal de 1928, quando o seu controlo do Partido era quase completo,

que não estava a mentir aos outros nem a enganar-se a si mesmo: nessa altura, tinha estado em perfeita harmonia com o mundo em que vivia. E a sociedade alemã, com os seus oitenta milhões de pessoas, tinha-se defendido da realidade dos factos exactamente da mesma maneira, com a mesma auto-ilusão, as mesmas mentiras e a mesma estupidez que eram agora parte integrante da mentalidade de Eichmann. Estas mentiras mudavam de ano para ano. Muitas vezes, contradiziam-se. Pior ainda, não eram necessariamente as mesmas consoante se destinassem aos diferentes sectores da hierarquia do Partido ou o povo em geral. Mas a auto-ilusão tornara-se prática corrente, quase um requisito moral de sobrevivência; de tal modo que hoje, dezoito anos volvidos sobre o colapso do regime nazi, quando o conteúdo exacto dessas mentiras se encontra quase totalmente esquecido, ainda é por vezes difícil acreditar que a mentira não se haja tornado parte integrante do carácter alemão. Durante a guerra, a mentira mais eficaz com o povo em geral era o slogan da “batalha predestinada do povo alemão” (der Schicksalskampf des deutschen Volkes). Lançado por Hitler ou por Goebbels, este “slogan” facilitava o processo de auto-ilusão em três aspectos: em primeiro lugar, sugeria que aquela guerra não era uma guerra; em segundo, que tinha sido desencadeada pelo destino e não pela Alemanha; e, em terceiro, que era uma questão de vida ou de morte para os alemães, que se viam obrigados a escolher entre aniquilar os seus inimigos ou serem eles próprios aniquilados.

A espantosa prontidão com que Eichmann reconheceu, tanto na Argentina como em Jerusalém, os seus crimes, não foi mera consequência desta sua capacidade para se auto-iludir (característica de qualquer criminoso). Resultou, sobretudo, dessa atmosfera generalizada de mentira sistemática que então reinava no Terceiro Reich.” ARENDT, *Eichmann em Jerusalém...*, pp.

¹⁶ ARENDT, *As Origens...*, p. 414

demonstram que a transformação das classes em massas e a concomitante eliminação da solidariedade grupal são condições *sine qua non* do domínio total.¹⁷

2. ELEMENTOS CATALISADORES DO NAZISMO: IMPERIALISMO E ANTISSEMITISMO

De forma sucinta, pode-se afirmar que, para Hannah Arendt, o antissemitismo e o imperialismo foram as correntes subterrâneas da mentalidade européia que se cristalizaram no totalitarismo. Foram, em suma, os catalisadores do nazismo.

As Origens do Totalitarismo trata do imperialismo colonial estritamente europeu, que teve seu fim marcado pela liquidação do domínio britânico na Índia. A história da desintegração do Estado Nacional, como asseverado por Arendt, continha quase todos os ingredientes necessários para gerar o subseqüente aparecimento dos movimentos e governos totalitários. Isso porque, antes da era imperialista não existia o fenómeno de política mundial, e, sem ele, a pretensão totalitária de governo global não faria sentido.¹⁸

Jerome Kohn acentua que Arendt não diz que o racismo ou qualquer outro elemento do totalitarismo causaram os regimes de Hitler e Stalin, mas sim que seus elementos ocultos, que incluem o antissemitismo, o declínio do estado-nação, o expansionismo *per si*, e a aliança entre capital e ralé, *cristalizaram* os movimentos a partir dos quais surgiram tais regimes.¹⁹

O antissemitismo moderno foi um ataque aos judeus em geral, propiciado por sua vinculação ao fortalecimento do Estado, devido ao capital que detinham e, em consequência, à absorção das irritações da sociedade civil. Com isso e o clima

¹⁷ ARENDT, *As Origens...*, p. XXXVIII

¹⁸ ARENDT, *As Origens...*, p. XXVII

¹⁹ KOHN, Jerome. *Arendt's Concept and Description of Totalitarianism. In Social Research*, V. 69, N. 2, Summer 2002. p. 626

de suspeita generalizada que domina os regimes totalitários, face à propagação de mentiras ao seu respeito, os judeus transformaram-se nos “inimigos objetivos” do Estado totalitário.

Nas palavras de Arendt: “...o que sucedeu relativamente à história do antissemitismo, isto é, o facto de ter sido elaborada por não judeus mentecaptos e por judeus apologeticos, sendo cuidadosamente evitada por historiadores de reputação, sucedeu *mutatis mutandis* relativamente a todos os elementos que se cristalizariam no fenómeno totalitário. Ambos os fenómenos - o antissemitismo e o totalitarismo - mal haviam sido notados pelos homens cultos, porque pertenciam à corrente subterrânea da história europeia, onde, longe da luz do público e da atenção dos homens esclarecidos, puderam adquirir virulência inteiramente inesperada.”²⁰

O imperialismo, por sua vez, resultou da emancipação política da burguesia, quando esta conseguiu assumir a gestão dos negócios de Estado.

O imperialismo colonial provocou o racismo dos europeus no contacto com outros povos, a intenção de dominação global face à política expansionista e, com a burocracia, a vocação para a ubiquidade, a onipresença estatal característica do regime totalitário.

Como ressalta Elisabeth Young-Bruehl, aqueles que não pertenciam e não foram protegidos por algum Estado Nação, que eram supérfluos no sistema do Estado Nação, poderiam coadunar com a idéia de que eram os arianos racialmente superiores ou com a idéia de que eles constituíam a vanguarda da história.²¹

Sobre o entrelaçamento entre as nefastas consequências do imperialismo e o racismo, vale citar o lúcido relato de Primo Levi, judeu italiano sobrevivente a Auschwitz:

²⁰ ARENDT, *As Origens...*, p. XVIII

²¹ YOUNG-Bruehl, Elisabeth. *On the Origins of a New Totalitarianism. In Social Research*, V. 69, N. 2, Summer 2002. p. 577

“Pode acontecer que muitos, indivíduos ou povos, julguem, mais ou menos conscientemente, que “todos os estrangeiros são inimigos”. Na maioria dos casos esta convicção jaz no fundo dos espíritos como uma infecção latente: manifesta-se apenas em actos esporádicos e desarticulados e não se constitui num sistema de pensamento. Mas quando tal acontece, quando o dogma não enunciado torna-se premissa maior de um silogismo, então, no fim da cadeia, encontra-se o Lager. Ele é o produto de uma concepção do mundo levada às extremas consequências com rigorosa coerência: enquanto a concepção subsistir, as consequências ameaçam-nos.”²²

3. A PROPAGANDA TOTALITÁRIA

Em sua magistral obra *As Origens do Totalitarismo*, Arendt trata da propaganda no capítulo dedicado ao movimento totalitário, considerando-a como um instrumento do totalitarismo, provavelmente o mais importante, para enfrentar o mundo não totalitário.²³

O entendimento de Arendt de que a propaganda é, talvez, o elemento mais importante do totalitarismo é condizente com a sua idéia de que somente a rale e a elite podem ser atraídas pelo ímpeto do totalitarismo e as massas, por sua vez, têm de ser conquistadas por meio da propaganda²⁴. Foi a propaganda totalitária que possibilitou o fenómeno inicial que amparou a ascensão dos regimes totalitários: a formação das massas.²⁵

Arendt diferencia a doutrina ideológica, direcionada aos iniciados do movimento, da propaganda, destinada ao mundo exterior. Assevera que a relação entre a propaganda e a doutrinação é inversamente proporcional ao tamanho do movimento e da pressão externa. Assim, quanto menor for o

²² LEVI, Primo. *Se Isto é um Homem*. Tradução de Simonetta Cabrita Neto. Lisboa: Teorema, p. 9

²³ ARENDT, *As Origens...*, p. 455

²⁴ ARENDT, *As Origens...*, p. 451

²⁵ Cfr. tópico n.º 3 deste Relatório

movimento, mais energia despenderá na sua propaganda. Por seu turno, quanto maior for a pressão exercida pelo mundo exterior sobre os regimes totalitários - pressão que não é possível ignorar totalmente mesmo atrás da "cortina de ferro" - mais activa será a propaganda totalitária. O facto essencial é que as necessidades da propaganda são sempre ditadas pela pressão exercida pelo mundo exterior. Por si, os movimentos totalitários não fazem propaganda, mas doutrinam.²⁶

Já a doutrinação, invariavelmente associada ao terror, como se verá no tópico seguinte, é diretamente proporcional à força dos movimentos ou do isolamento dos governantes totalitários que os protegem da interferência externa.²⁷

Sobre a argúcia da propaganda totalitária, ensina o Professor Luís Pereira Coutinho, *in verbis*:

“Dentro da nossa herança, uma perseguição de minorias culminante em genocídio apenas se revelou pensável perante a prévia representação de alguns como sub-humanos e de outros como supra-humanos, de alguns como a “encarnação do mal” e de outros como “eleitos”. Tratou-se assim de um recentramento no sub-humano e no supra-humano (em prejuízo do centramento universal no humano que civilizacionalmente nos define), moldando-se um novo “mito político”, isto é, algo que confere sentido a uma dada experiência política enquanto experiência inevitavelmente parametrizada sob o ponto de vista moral.”^{28 / 29}

Segundo esta lógica, de acordo com Arendt, a

²⁶ ARENDT, *As Origens...*, pp. 453-454

²⁷ ARENDT, *As Origens...*, p. 454

²⁸ COUTINHO, Luís Pedro Dias Pereira. *A autoridade moral da Constituição: da fundamentação da validade do Direito Constitucional*. Lisboa: 2008. Tese de doutoramento em Ciências Jurídico-Políticas (Direito Constitucional), apresentada à Universidade de Lisboa através da Faculdade de Direito, 2008. pp. 58-59

²⁹ Para o Professor PEREIRA COUTINHO, a parametrização normativa é “o enquadramento moral adjudicatório, em cujo âmbito são apuráveis ou adjudicáveis aquelas “regras gerais e medidas”, podendo nós estar, segundo a acima desenvolvida classificação tomista, perante uma parametrização natural (em cujo âmbito os homens se ordenam a bens reais) ou perante uma parametrização pecaminosa (em cujo âmbito os homens se ordenam a bens aparentes)”, cfr. *A autoridade...*, p. 73

propaganda totalitária pode insultar o bom senso apenas quando este perde sua validade. Entre curvar-se diante da coerência rígida e fantásticamente fictícia de uma ideologia e enfrentar a crescente decadência, com a anarquia e total arbitrariedade que lhe são inerentes, as massas escolherão o primeiro caminho, dispostas a pagar por isso inclusive com sacrifícios individuais, não porque sejam simplesmente estúpidas ou perversas, mas porque, no desastre geral, essa fuga permite-lhes manter um mínimo de dignidade.³⁰

“Dignidade” que, em nossa opinião, consiste em mais um auto-engano dentre as inúmeras ilusões e mentiras perpetradas pelos movimentos totalitários.

Mais uma vez, vale a citação do Professor Pereira Coutinho:

“Com efeito, nas experiências totalitárias que conhecemos, aquela propaganda revelou invariavelmente uma monstruosa sagacidade: interferiu na representação que o homem tem de si mesmo e dos outros e interferiu conseqüentemente naquilo que nuclearmente parametriza a relação dos homens com o bem, naquilo que lhes permite compreender-se a si próprios, o seu contexto, a sua obediência ao poder e a estruturação institucional deste poder. E revelou também uma assinalável eficácia, sendo hoje comumente aceite entre os historiadores que a “agência activa das pessoas ordinárias” se revelou um facto determinante nas diferentes experiências totalitárias.”³¹

Sobre o inequívoco carácter antisemita da propaganda nazi e deixando patente a interferência na representação que o homem tem de si e dos outros, como citado acima, afirma Hannah Arendt:

“Para os nazis, os únicos judeus “respeitáveis” eram os sionistas, pois que também eles pensavam em termos “nacionais”. Como é natural, nenhum nazi importante se pronunciou alguma vez nestes termos em público. Do princípio ao fim, a propaganda nazi foi sempre de um

³⁰ ARENDT, *As Origens...*, p. 466

³¹ PEREIRA COUTINHO, *A autoridade...*, p. 67

antisemitismo feroz, sem equívocos nem compromissos. E, afinal, o que contou foi essa “propaganda”, tão subestimada por aqueles que não estavam ainda devidamente iniciados nos mistérios dos regimes totalitários.”³²

4. O GOVERNO TOTALITÁRIO

4.1. IDEOLOGIA

“Porque aquele olhar não aconteceu entre dois homens; e, se soubesse explicar a fundo a natureza daquele olhar, trocado como através da parede de vidro de um aquário entre dois seres que habitam meios diferentes, também saberia explicar a essência da grande loucura da terceira Alemanha.

O que todos nós pensávamos e dizíamos dos Alemães percebeu-se naquele momento de forma imediata. O cérebro que governava aqueles olhos azuis e aquelas mãos tratadas dizia: “Isto que está à minha frente pertence a um género que, obviamente, é oportuno suprimir. No caso particular, é preciso averiguar antes se por acaso não contém algum elemento utilizável.” E, na minha cabeça, como sementes dentro de uma abóbora vazia: “Os olhos azuis e os cabelos louros são essencialmente maldosos. Não há comunicação possível.”³³

Embora posteriormente reconhecida por Hannah Arendt como tendo sido, talvez, superestimada³⁴, a ideologia é, juntamente com o terror, pilar essencial do regime totalitário.

O relevo da ideologia para a análise do totalitarismo é incontroverso, já que, como é sabido, a qualquer pensamento político sempre encontra-se expressa uma ideologia.

Neste sentido, ensina o Professor Pereira Coutinho:

“Nenhuma ordem política – nenhum sistema de instituições políticas ou “situação” de ordenação política –

³² ARENDT, *Eichmann em Jerusalém...*, pp. 117-118

³³ LEVI, *Se Isto...*, p. 108

³⁴ Cfr. JUDT, Tony. *O Século XX esquecido. Lugares e memórias*. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 87

deixa de reflectir uma “ideologia”, aqui no sentido de sistema moralmente parametrizador interiorizado por aqueles que logram reconhecer-se a si mesmos nessa ordem e que constituem o suporte que uma qualquer ordem terá necessariamente de ter para que seja exequível.”³⁵

A instituição de um regime totalitário, como preceitua Arendt, requer a apresentação do terror como instrumento necessário à realização de uma ideologia específica. E essa ideologia, por sua vez, deve obter a adesão de muitos - até mesmo da maioria - antes que o terror possa ser instituído. Assim é que os judeus, antes de se tornarem as principais vítimas do terror moderno, constituíam o centro de interesse da ideologia nazi.³⁶

Nas palavras de Arendt: “...uma ideologia que tem de persuadir e mobilizar as massas não pode escolher a sua vítima arbitrariamente. Por outras palavras, se o número de pessoas que acreditam na veracidade de uma fraude tão evidente como os Protocolos dos Sábios de Sião é bastante elevado para dar a esta fraude o foro de dogma de todo um movimento político, a tarefa do historiador já não consiste em descobrir a fraude, pois o facto de tantos acreditarem nela é mais importante do que a circunstância (historicamente secundária) de se tratar de uma fraude.”³⁷)

Para Claude Lefort, Arendt trouxe à luz uma característica essencial do sistema totalitário quando percebeu neste uma dominação *pelo interior* (*from within*). E a pergunta que se coloca é: “Como a dominação pode ser exercida pelo interior?”³⁸

Para responder a esta questão, Lefort considera que o capítulo *Ideologia e Terror* abre um novo caminho para investigar a especificidade do totalitarismo. Nele, Arendt adota

³⁵ PEREIRA COUTINHO, *A autoridade...*, p. 98

³⁶ ARENDT, *As Origens...*, p. 8

³⁷ ARENDT, *As Origens...*, p. 8

³⁸ LEFORT, Claude. *Thinking with and against Hannah Arendt*. In *Social Research*, V. 69, N. 2, Summer 2002. pp. 447-448

uma abordagem mais filosófica do fenómeno, questionando o *status* da lei e repensando o significado da ideologia. Ela não se contenta em simplesmente afirmar que o governo totalitário é sem precedentes, ao observar que este se confronta com uma espécie de governo muito diferente daqueles em que os filósofos, de Aristóteles a Montesquieu, fundamentaram suas teorias políticas.³⁹

E, ao dissertar sobre a ideologia, Claude Lefort entende que três são suas características: primeiro, ela implica a pretensão de um total esclarecimento do processo histórico, com a tendência de explicar não o que é, mas o que vem a ser, o que será; segundo, é impenetrável a quaisquer objeções retiradas da experiência; terceiro, ela começa a partir de uma premissa aceita e deduz tudo a partir de tal premissa, o que quer dizer que ela prossegue com uma consistência que não existe em nenhum lugar no domínio da realidade.⁴⁰

Por outro lado, segundo Arendt, nenhuma ideologia que vise a explicação de todos os eventos históricos do passado e o planeamento de todos os eventos futuros é capaz de suportar a imprevisibilidade que advém do facto de os homens serem criativos, de poderem produzir algo novo, que jamais alguém previu.⁴¹

Antonia Grunenberg destaca que as reflexões de Arendt sobre o fictício mundo emergente da ideologia demonstram como o totalitarismo cria um mundo paralelo, sem conexão com a realidade, um mundo construído por líderes totalitários para dominar o mundo real. Este mundo pode ser colocado no lugar do mundo real porque ele contém elementos da experiência, bem como elementos da realidade. E o seu efeito é mais bem sucedido porque torna as pessoas incapazes de distinguir entre ideologia e realidade. Ele coloca a obediência e

³⁹ LEFORT, *Thinking...*, p. 450

⁴⁰ LEFORT, *Thinking...*, p. 652

⁴¹ ARENDT, *As Origens...*, p. 607

a obrigação no lugar do julgamento e da responsabilidade.⁴²

Há, com esta “troca” entre mundo real e mundo fictício (ou mentiroso), oriundo da ideologia, a “desintegração moral” da sociedade.

Isso é facilmente percebido por meio da leitura de *Eichmann em Jerusalém*, no qual, em várias passagens, o carrasco nazista se auto denomina como um cidadão cumpridor de seus deveres e das leis.

Para Arendt, a política totalitária - longe de ser simplesmente antissemita, racista, imperialista ou comunista - usa e abusa dos próprios elementos ideológicos até que se dilua quase completamente a sua base factual - a realidade da luta de classes, por exemplo, ou dos conflitos de interesse entre os judeus e os seus vizinhos, que fornecia aos ideólogos a força dos valores propagandísticos.⁴³

Assim, a organização de toda a textura da vida conforme uma ideologia só pode realizar-se completamente sob um regime totalitário. Na Alemanha nazi, duvidar da validade do racismo e do antissemitismo, quando nada importava senão a origem racial, quando “uma carreira dependia de uma fisionomia ariana” e “a quantidade de comida que cabia a uma pessoa dependia do número de seus avós judeus”, era como duvidar da própria existência do mundo.⁴⁴

Ainda para Claude Lefort, Arendt sugere que o regime totalitário corresponde a um *novo regime do pensar*. Não é um exagero concluir que a ideologia sustenta “um terrorismo intelectual” em que somos confrontados com um modo de pensar que elimina todos os argumentos que contrariam a idéia – da mesma forma que a maneira de governar consiste em

⁴² GRUNENBERG, Antonia. *Totalitarian Lies and Post-Totalitarian Guilt: The Question of Ethics in Democratic Politics*. In *Social Research*, V. 69, N. 2, Summer 2002. pp. 361-362

⁴³ ARENDT, *As Origens...*, p. XIX

⁴⁴ ARENDT, *As Origens...*, p. 480

eliminar todos os reais ou potenciais inimigos.⁴⁵

Segundo o Professor Pereira Coutinho:

“Com efeito, afirma Arendt que o o totalitarismo não se caracterizou pela “dominação total” como fim em si mesmo, antes sendo essa “dominação total” um meio de implementar uma pressuposta ideologia marxista ou racial-darwinista, consoante os casos. O que ambas estas formas de totalitarismo têm em comum é, no essencial, a respectiva instrumentalização a uma ideologia.”⁴⁶

Em suma, a ideologia totalitária pretende forjar uma explicação completa e definitiva para o devir histórico (qualquer semelhança com doutrinas que pregam o fim da história não é mera coincidência).⁴⁷

4.2. TERROR

“Hoje penso que, mesmo só pelo facto de ter existido um Auschwitz, ninguém deveria falar ainda em Providência...”⁴⁸

O terror é a essência do movimento totalitário. Conforme Arendt: “O terror é a legalidade quando a lei é a do movimento de alguma força sobre-humana, seja a Natureza ou a História.”⁴⁹ Natureza pode ser entendida no sentido de se ter nascido ariano e História no sentido marxista da luta de classes.

O terror total, a essência do regime totalitário, não existe a favor nem contra os homens. Para Arendt, sua suposta função é propiciar às forças da Natureza ou da História uma maneira de acelerar o seu movimento.⁵⁰ Ele é o instrumento utilizado para concretizar, tornar real a ideologia totalitária contra seus

⁴⁵ LEFORT, *Thinking...*, p. 452

⁴⁶ PEREIRA COUTINHO, *A autoridade...*, p. 65

⁴⁷ STRECK, Lenio Luiz e MORAIS, José Luis Bolzan de. *Ciência Política e Teoria do Estado*. 6ª ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2008. p. 135

⁴⁸ LEVI, *Se Isto...* p. 161

⁴⁹ ARENDT, *As Origens...*, p. 616

⁵⁰ ARENDT, *As Origens...*, p. 617

inimigos reais ou imaginários.⁵¹

Arendt esclarece que a diferença essencial entre as tiranias do passado e as ditaduras modernas consiste no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento dos opositores, mas como instrumento corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes.

O terror totalitário ataca sem provocação preliminar e as suas vítimas são inocentes, até mesmo do ponto de vista do carrasco. Esta foi justamente a conjuntura da Alemanha nazi, em que a campanha de terror foi direcionada contra os judeus, isto é, contra os cidadãos cujas características comuns eram aleatórias e independentes da conduta individual específica. Na União Soviética, a situação foi mais confusa, já que o sistema bolchevique, ao contrário do nazi, nunca admitiu - ao menos teoricamente - o uso do terror contra pessoas inocentes. Esta assertiva, embora pareça hipócrita, como asseverado pela própria Arendt, fez muita diferença no contexto soviético. Por sua vez, a prática soviética foi mais cruel do que a nazi em uma especificidade: a arbitrariedade do terror não era determinada por diferenças raciais e a aplicação do terror consoante a procedência socioeconómica (de classe) do indivíduo fora abandonada há tempo. Desta feita, qualquer pessoa da URSS poderia subitamente tornar-se vítima de terror policial.⁵²

A última consequência do exercício do domínio pelo terror leva à situação na qual jamais alguém, nem mesmo o executor, está livre do medo; pois, ante a arbitrariedade com que as vítimas poderiam ser escolhidas era decisivo que fossem objectivamente inocentes, seleccionadas sem que se atentassem para o que pudessem ou não ter feito.⁵³

O caso soviético ilustra muito bem o aspecto da arbitrariedade, acentuada pelo que Arendt⁵⁴ considerou como a

⁵¹ STRECK, *Ciência Política...*, p. 135

⁵² ARENDT, *As Origens...*, p. 7

⁵³ ARENDT, *As Origens...*, p. 7

⁵⁴ Cfr. ARENDT, *As Origens...*, p. XXXVI

faceta mais característica do terror totalitário: o facto de que este é desencadeado quando toda a oposição organizada já desapareceu e quando o líder totalitário sabe que nada mais tem a temer.^{55 / 56}

A injusta e terrível arbitrariedade, amparada pelo ideologia e pelo terror, culminaram nos campos de concentração e de extermínio, expressões máximas dos regimes totalitários, que serviram como laboratórios onde se demonstrou a crença fundamental do totalitarismo de que *tudo é possível*.⁵⁷

O homem torna-se supérfluo: há castigo sem crime; exploração sem lucro e trabalho sem proveito.

Diferente do que ocorreu no contexto da escravidão, em que os homens, reduzidos à condição de escravos, tinham uma “função” e onde a exploração de seu trabalho resultou em lucro para seus senhores. Já no contexto totalitário, o caráter supérfluo do homem estende-se além da vítima. Os membros da polícia política - conhecida como SS - eram escolhidos segundo critérios objetivos, muitas vezes por fotos que demonstrassem as características eminentemente arianas daqueles que comporiam seus quadros.

O que já pressupunha que todos aqueles que poderiam ser escolhidos para compor os quadros das SS - e assim participar ativamente à consecussão dos piores fins nazistas - já se encontravam dominados pela ideologia do regime.

⁵⁵ Cabe aqui assinalar a diferença entre medo do *executor do regime totalitário* (agente), citada no parágrafo anterior, e destemor do *governante totalitário*.

⁵⁶ Como ilustra ARENDT em *As Origens*, pp. XXXVI-XXXVII: “Estaline iniciou os seus gigantescos expurgos, não em 1928, quando admitia que “temos inimigos internos”, e quando realmente tinha motivos de receio – pois sabia que Bukharine, convencido de que a sua política “estava a levar o país à fome, à ruína e a um regime policial”, como realmente levou, o comparava a Gengiscão, mas, em 1934, quando todos os antigos oponentes haviam “confessado os seus erros” e o próprio Estaline no XVIII Congresso do Partido que ele também chamou de “Congresso dos Vencedores”, havia declarado: “Neste Congresso... já não há o que provar, e ao que parece, não há ninguém mais a combater.”

⁵⁷ ARENDT, *As Origens...*, p. 580

Novamente lúcido e esclarecedor é o relato de Primo Levi, sobre o momento em que ele e seus compatriotas italianos foram deportados para Auschwitz: “Aqui recebemos as primeiras pancadas: e o facto era tão novo e insensato que não sentimos dor, nem no corpo nem na alma. Só um profundo espanto: como se pode bater num homem sem raiva?”⁵⁸

Como ensina o Professor Paulo Otero: “O Estado totalitário ganha aqui a sua principal inovação histórica: toda a máquina do Estado e todo o progresso da técnica se encontram ao serviço de um modelo de sociedade contra o homem e a sua inalienável dignidade como ser único e irrepetível.”⁵⁹

O terror é, em suma, a forma de governar que destrói o homem, tanto o agente, quanto a vítima, porque torna ambos supérfluos, por meio da execução de leis supostamente pré-determinadas (Natureza no Nazismo e História no Stalinismo).

Sobre a relação entre ideologia e terror como alicerces do governo totalitário, afirma Arendt que o domínio total procura sistematizar a infinita pluralidade e diferenciação dos seres humanos como se toda a humanidade fosse apenas um indivíduo, o que só é possível quando todas as pessoas são reduzidas à mesma identidade de reacções.⁶⁰

Ora, isso é retirar do ser humano sua capacidade única de fazer escolhas. Conforme Arendt: “O problema é fabricar algo que não existe, isto é, um tipo de espécie humana que se assemelhe a outras espécies animais e cuja única “liberdade” consista em “preservar a espécie”.”⁶¹

O domínio total busca alcançar esse objectivo por meio da doutrinação ideológica das formações de elite e do completo terror nos campos. As atrocidades para as quais as formações de elite são impiedosamente usadas constituem a *aplicação*

⁵⁸ LEVI, *Se Isto...*, p. 15

⁵⁹ OTERO, Paulo. *Instituições Políticas e Constitucionais*. V. I. Coimbra: Almedina, 2007. p. 305

⁶⁰ ARENDT, *As Origens...*, p. 580

⁶¹ ARENDT, *As Origens...*, p. 580

prática da ideologia, enquanto o terrível espectáculo dos campos deve fornecer a *verificação teórica da doutrina ideológica*.⁶²

CONCLUSÕES

“Jazíamos num mundo de mortos e de larvas. O último vestígio de civilização desaparecera à nossa volta e dentro de nós. A obra de animalização, começada pelos alemães triunfantes, fora levada a cabo pelos alemães derrotados.

É homem quem mata, é homem quem faz ou sofre injustiças; não é homem quem, perdida qualquer vergonha, divide a cama com um cadáver. Quem esperou que o seu vizinho acabasse de morrer para lhe tirar um quarto de pão está, embora sem qualquer culpa própria, mais afastado do modelo do homem pensante do que o pigmeu mais selvagem e o sádico mais atroz.

Uma parte da nossa existência reside nas almas de quem entra em contacto conosco: eis porque é não-humana a experiência de quem viveu dias em que o homem foi uma coisa aos olhos do homem.”⁶³

Após a análise do fenómeno inicial que possibilitou a ascensão dos regimes totalitários, dos elementos catalisadores do totalitarismo, da propaganda como requisito dos referidos regimes, bem como de seus pilares, que constituem sua maneira de governar – ideologia e terror – passo às conclusões deste trabalho.

Já que a ideologia encontra-se subjacente a qualquer concepção política e o terror, ainda que de forma diferenciada, não pertence unicamente ao totalitarismo, e ambos poderiam ser questionados e contrariados por uma pessoa consciente, como o totalitarismo transformou e deformou a própria natureza humana?

Como, da conclusão da existência de um “mal radical”, Hannah Arendt pôde posteriormente concluir que o mal pode

⁶² ARENDT, *As Origens...*, p. 580

⁶³ LEVI, *Se Isto...*, p. 175

ser banalizado?

Como, efetivamente, pôde o mal praticado não por um, mas por milhares de seres humanos ser banalizado, ao ponto de culminar nos campos de concentração nazistas?

Segundo ensina o Professor Paulo Otero:

“Pode mesmo dizer-se que o totalitarismo, mais do que pretender revolucionar e transformar a sociedade e o mundo, visa a transformação da própria natureza humana, subordinando e instrumentalizando o homem a fins e interesses transpersonalistas alheios à pessoa humana viva e concreta: a vida e a acção de cada homem pertencem ao Estado, veriicando-se que o indivíduo desaparece, apagando-se diante da colectividade protagonizada pelo Estado.

Esta mesma idéia de o totalitarismo pretender transformar ou modificar o homem, exercendo poder principalmente sobre o espírito, controlando o pensamento e convertendo todos os opositores, “purificando-os” de qualquer “pensamento erróneo”, é expressamente desenvolvida por George Orwell no seu livro *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, pp. 254 ss. e 265.”⁶⁴

Hannah Arendt foi muito criticada por dar explicações chamadas de metafísicas ao fenómeno que constituiu seu núcleo de estudo mais profundo: o fenómeno totalitário. Contudo, creio que tais críticas são injustas.

Percebe-se pela leitura daqueles que estudaram suas obras que, em maior ou menor escala, todos concluíram como ela: “O objectivo da execução totalitária nunca foi insuflar convicções, mas destruir a capacidade de as adquirir.”⁶⁵

Como acentua Tony Judt, a importância perene da principal obra de Arendt assenta não na originalidade de seu contributo, mas sim na qualidade da sua intuição central. O que Arendt compreendeu melhor, e o que liga a sua descrição do nazismo e a sua discussão de outra forma não relacionada e pouco desenvolvida na experiência soviética, são as características psicológicas e morais do que ela denominou

⁶⁴ OTERO, *Instituições...*, p. 306

⁶⁵ ARENDT, *As Origens...*, p. 619

totalitarismo.⁶⁶

E foram justamente as características melhor compreendidas por Arendt os alvos das críticas que lhes foram infligidas.

Mas Hannah Arendt entendeu e explicitou muito bem a condição moral do homem contemporâneo ocidental.

Sua obra possibilitou a compreensão do fenômeno totalitário como uma experiência do século XX, alicerçada sobretudo na perspectiva da destruição da condição humana. Além de impor um novo critério de julgamento de regimes políticos, Arendt demonstrou que para entender o totalitarismo é preciso ir muito além da institucionalização do terror e do medo. É necessário perceber que a ação totalitária visa a destruição de todos os circuitos da convivência, da vida cotidiana, da sobrevivência, que, enfim, constroem a solidariedade. O totalitarismo objectiva o extermínio da espontaneidade, transformando a personalidade humana em simples coisa.⁶⁷

Também segundo Streck, pode-se dizer, portanto e nesta perspectiva, que o fim do totalitarismo é a transformação da natureza humana, a conversão dos homens em “*feixes de recíproca reacção...*”, sendo que para atingir esta meta lança mão de uma dupla estratégia: ideologia e poder.⁶⁸

Ao dividir e tomar toda a sociedade, incluindo a totalidade do próprio aparelho de governo, os regimes totalitários dominam e aterrorizam os indivíduos a partir de seu interior. A natureza arbitrária e aparentemente irracional, antiutilitária, da vida sob esses regimes destrói a textura da experiência partilhada, da realidade, de que depende a vida normal, e desarma todas as tentativas dos homens razoáveis de compreender e explicar o rumo dos eventos. Daí o trágico

⁶⁶ JUDT, *O Século XX...*, p. 86

⁶⁷ STRECK, *Ciência...*, p. 134

⁶⁸ STRECK, *Ciência...*, p. 135

fracasso dos forasteiros em perceber o perigo colocado pelos movimentos totalitários e a demora na incapacidade dos comentadores de compreender a enormidade dos acontecimentos que presenciavam. Em vez de admitir aquilo que Arendt chamou “demência total” do estalinismo ou do nazismo, os estudiosos e outros analistas procuraram alguma base firme de “interesse” ou “racionalidade” desde a qual reinserir essas evoluções num panorama político e moral familiar.⁶⁹

Ora, em nossa opinião, sob o ponto de vista da condição humana considerada “normal”, analisar a ideologia e o terror totalitários sem levar em conta que a condição humana dos executores dos regimes foi transformada, é tarefa impossível.

Isso porque, ainda que a todo fenómeno político corresponda uma ideologia e, considerando que o ser humano será sempre condicionado por uma normatividade parametrizada, os regimes totalitários só se tornaram reais com a total aniquilação da condição humana, através da captura da alma, do espírito, da vontade e da capacidade de escolha inerente a todos os seres humanos.⁷⁰

Seja pela inabilidade de julgar atribuída aos cidadãos do período, seja porque estes se consideravam meros cumpridores de seus deveres e da lei, como no caso de Eichmann, seja porque acreditavam em suas próprias mentiras, o fato é que todas as explicações convergem para o que Tony Judt apontou como a captura do homem através de seu interior.

E como isso ocorreu?

Além do contexto histórico da época, da força da propaganda totalitária, do papel da ideologia e do terror perpetrado nas sociedades sob regimes totalitários, explicação

⁶⁹ JUDT, *O Século XX...*, p. 86

⁷⁰ Interessante formulação acerca das condições que propiciaram a captura do espírito pelos regimes totalitários pode ser encontrada na filosofia de Hegel, com a *concepção transpersonalista do Estado que se opõe ao personalismo ou humanismo*. Cfr. Paulo Otero, *Instituições...*, pp. 317-319

plausível é dada por Antonia Grunenberg, ao explicar que as mentiras de fora são adotadas pelos agentes do totalitarismo como formas de auto-engano. Trata-se de “*assunto de fora tratado como questão interna*”, assim, a verdade torna-se questão de opinião e o agente totalitário acredita na própria mentira.⁷¹

Nem a religião afigura-se útil para sujeitar o homem à internalização dos valores obtidos por meio dos sancionatórios instrumentos do pecado e da má consciência, tampouco a crítica da razão atinge tal escopo, pois o conjunto de valores deduzíveis é, como afirma Grunenberg, manipulado no sistema do Estado totalitário.⁷²

Outra ponto é a solidão do homem, distinta da solidão necessária à criação.

A solidão aqui tratada é o desamparo do homem que tem sua individualidade destruída no contexto totalitário. Diante disso, procura no Estado forte e na própria ideologia uma forma de amparo, um local para apoiar-se.

A sociedade de massas, no caso do nazismo, possibilitada, dentre outros fatores apontados por Arendt, pela comunhão identitária em torno do racismo, do encontro do “inimigo objetivo” do Estado, provocou a profunda solidão vivenciada no contexto totalitário, com a eliminação do espaço entre os homens, comprimindo-os uns contra os outros.⁷³

Isso, pela transformação das classes em massas e pelo caráter supérfluo que as escolhas e a vida humana adquiriram

⁷¹ GRUNENBERG, *Totalitarian Lies...* p. 365

⁷² GRUNENBERG, *Totalitarian Lies...* p. 365

⁷³ Sobre a solidão ocasionada pelo regime nazi, novamente valemo-nos do relato de PRIMO LEVI, *Se Isto...*, pp. 124-125: “As personagens destas páginas não são homens. A sua humanidade está sepultada, ou eles mesmos a sepultaram, debaixo da ofensa que sofreram ou que infligiram a outrem. Os SS maus e estúpidos, os Kapos, os políticos, os criminosos, os proeminentes grandes e pequenos, até aos Haftlinge indiferenciados e escravos, todos os degraus da insana hierarquia criada pelos Alemães, estão paradoxalmente unidos numa única desolação interior.”

no regime nazista.

A consciência do homem, que, nas paravras de Arendt, diz-lhe que é melhor morrer como vítima do que viver como burocrata do homicídio, poderia ainda ter-se oposto a esse ataque contra a pessoa moral.

Mas o mais terrível triunfo do terror totalitário foi evitar que a pessoa moral pudesse refugiar-se no individualismo e tornar as decisões da consciência questionáveis e equívocas.

Como bem diferenciou Arendt, o governo totalitário distingue-se das tiranias e das ditaduras; e a distinção entre eles não é de forma alguma uma questão académica que possa ser deixada, sem riscos, aos cuidados dos "teóricos", pois "o domínio total é a única forma de governo com a qual não é possível coexistir."⁷⁴

O totalitarismo, como conclui Arendt, não procura o domínio despótico do homem, mas sim um sistema em que este se torna supérfluo, e é exactamente porque os recursos do homem são tão grandes, que "só se pode dominá-lo inteiramente quando ele se torna um exemplar da espécie animal humana."⁷⁵

Assim é que a obediência ao poder instituído não se deve ao medo, mas à aniquilação da capacidade de auto-interpretação do homem.⁷⁶

⁷⁴ ARENDT, *As Origens...* p. XXXIV

⁷⁵ ARENDT, *As Origens...*, p. 605

⁷⁶ Segundo a concepção idealista ou subjectivista, ao homem corresponde uma distintiva dimensão moral. Sob esta perspectiva, o conjunto de normas a que o homem vincula-se não é meramente coercivo, não se impõe de fora. É uma ordem que o homem reconhece como boa e justa, pois projeta uma idéia de bem e justiça que estrutura sua consciência moral. Portanto, somente com a liquidação da consciência moral e da consequente incapacidade de auto-interpretação do homem, efectivada pela massacrante doutrinação totalitária, os regimes nazi e estalinista tornaram-se reais.

A concepção idealista ou subjectivista contrapõe-se à mecanicista ou objectivista, biológica ou instintiva, na qual o conjunto de normas vincula o homem porque é coercivo, condicionando o comportamento humano a partir de fora (Hobbes: "homem lobo do homem").

Ao considerarmos que o totalitarismo vingou a partir da ideologia – que, por sua vez, foi o instrumento capaz de capturar e massacrar a consciência moral do homem – conclui-se que as críticas à “concepção psicológica” de Hannah Arendt são injustas, na medida em que a autora, ao analisar os fenômenos que possibilitaram a ascensão dos regimes totalitários e a aniquilação da capacidade de pensar do homem, foi coerente.

O pós-totalitarismo marca, portanto, nossa *consciência do inconsciente*.

Compreendendo-se que, privado da capacidade unicamente humana de fazer escolhas, pôde o homem tornar-se não humano ao ponto de aniquilar sua capacidade de pensar e julgar, torna-se mais clara a importância de se estudar o pensamento humano, a Filosofia e a Política, arena em que este é exercido na relação com os demais.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo*. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 2006
- _____. *Eichmann em Jerusalém. Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. 2ª ed. Lisboa: Tenacitas, 2004
- BAEHR, Peter. *Identifying the Unprecedented: Hannah Arendt, Totalitarianism and the Critique of Sociology*. In *American Sociological Review*, V. 67, 2002. pp. 804-831
- BERNSTEIN, Richard J. *The Origins of Totalitarianism: not History, but Politics*. In *Social Research*, V. 69, N. 2,

- Summer 2002. pp. 381-400
- CANOVAN, Margareth. *A reinterpretation of her Political Thought*. Cambridge University Press, 1992
- COUTINHO, Luís Pedro Dias Pereira. *A autoridade moral da Constituição: da fundamentação da validade do Direito Constitucional*. Lisboa: 2008. Tese de doutoramento em Ciências Jurídico-Políticas (Direito Constitucional), apresentada à Universidade de Lisboa através da Faculdade de Direito, 2008
- JUDT, Tony. *At Home in this Century*. The New York Review of Books, V. 42, N. 6, 06 de Abril de 2005
- _____. *O Século XX esquecido. Lugares e memórias*. Lisboa: Edições 70, 2009
- GRUNENBERG, Antonia. *Totalitarian Lies and Post-Totalitarian Guilt: The Question of Ethics in Democratic Politics*. In *Social Research*, V. 69, N. 2, Summer 2002. pp. 359-379
- KOHN, Jerome. *Arendt's Concept and Description of Totalitarianism*. In *Social Research*, V. 69, N. 2, Summer 2002. pp. 621-656
- LEFORT, Claude. *Thinking with and against Hannah Arendt*. In *Social Research*, V. 69, N. 2, Summer 2002. pp. 447-459
- LEVI, Primo. *Se Isto é um Homem*. Tradução de Simonetta Cabrita Neto. Lisboa: Teorema
- OTERO, Paulo. *Instituições Políticas e Constitucionais*. V. I. Coimbra: Almedina, 2007
- STRECK, Lenio Luiz e MORAIS, José Luis Bolzan de. *Ciência Política e Teoria do Estado*. 6ª ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2008
- TAMINIAUX, Jacques. *The Philosophical Stakes in Arendt's Genealogy of Totalitarianism*. In *Social Research*, V. 69, N. 2, Summer 2002. pp. 423-446
- TSAO, Roy T. *The Three Phases of Arendt's Theory of*

Totalitarianism. In Social Research, V. 69, N. 2, Summer 2002. pp. 579-619

YOUNG-Bruehl, Elisabeth. *On the Origins of a New Totalitarianism. In Social Research, V. 69, N. 2, Summer 2002. pp. 567-578*